

entrevista da 2ª

Carlos Fávoro

Ajuda do governo será oportunidade para o agro se aproximar de Lula

Ministro afirma que setor passa por momento difícil por causa do clima, mas nega que haja crise, e defende acordos com Ásia e África

AGROFOLHA

Thiago Resende e
Victoria Azevedo

BRASILIA O ministro da Agricultura, Carlos Fávaro (PSB), disse que o agronegócio passa por um momento de crise, mas que não é o agravão das questões climáticas, mas que o setor não está diante de uma crise econômica, e sim de uma crise para evitar a deterioração desse cenário. Segundo o ministro, esse momento não é insuperável e podem aproximar o presidente Lula (PT) do setor, mas ligando-o ao mundo da economia.

"O governo não é culpado pela intemperie climática ou pelos preços, que são dos mercados internacionais", afirmou. "Ser uma oportunidade em que os produtores percebem que não estão sendo tratados com justiça e que o governo se preocupa com sua atividade econômica, mesmo não tendo uma crise, mas com uma crise econômica, e um pouco mais difícil, o governo está em alerta", afirmou Fávaro em entrevista à Folha.

Ele afirmou que não há grandes impasses no acordo entre Mercosul e União Europeia, o parágrafo 18 do acordo com o Oriente Médio, Ásia e África.

"Claro que gostaríamos de ampliar as nossas relações com o mundo", afirmou. "Mas não é o caso agora ser um setor beneficiado", afirmou. Segundo ele, o setor não tem, neste dia oportuno, condições para fazer mais acordos comerciais, mas que vai fazer mais acordos comerciais.

Quais as perspectivas para o agro em 2024? Como o governo está vendo as questões climáticas e como pretende agir? As perspectivas para a agropecuária brasileira aqui no Brasil são sempre muito positivas. O Brasil se consolidou nos últimos 50 anos como o maior player na produção de alimentos. E nós temos um amplo espaço para crescimento. Podemos dobrar a área utilizada com a agricultura e até melhorar as condições da pecuária brasileira sem avançar sobre a floresta. É claro que as mudanças climáticas estão aí, são inquestionáveis. Então, isso é preocupante, a gente tem que estar atento, minimizar isso.

Como lidar com as mudanças climáticas? Um combate ferrenho ao desmatamento. O Brasil não precisa mais de desmatamento para continuar crescendo. Nós também precisamos respeitar o nosso código florestal. Nós podemos falar, sim, de desmatamento zero. Primeiro, combatendo o ilegal. E segundo, com a remuneração para aqueles que têm o direito de usar parte da sua propriedade, mas que abriam mão disso desde que fossem remunerados.

Como dobrar a produção do agro e melhorar a pecuária sem aumentar a desmatada? É ocupar, tecnicamente, e já temos essa capacidade técnica, sobre as pastagens de baixa produção ou já em fase de degradação. Isso já foi mapeado pela Embrapa [Empre-

Carlos Fávaro, 54
Produtor rural, senador licenciado e ministro da Agricultura e Pecuária. Foi vice-governador de Mato Grosso, vice-presidente da Aprosoja e dirigiu a associação no estado. Um dos principais interlocutores de Lula junto ao setor durante campanha presidencial de 2022.

sa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e pelo Banco do Brasil. As potencialidades estão aí.

O cenário é de preços muito baixos de commodities, chuvas no Sul, seca no Nordeste. O que o governo pretende fazer? Primeiro, não criamos alarmismo. Temos mecanismos e ferramentas para mitigar esses impactos. Já o fizemos, por exemplo, quando houve seca no Nordeste, com o do Sul. Em 2023, que vinha já de três secas consecutivas, criamos linhas de crédito. Isso, certamente, se for necessário, o governo estuda e pode fazer medidas como essa para quem tem, de novo, um impasse na safra de 2024. Além de um Plano Safra com novas alternativas e mais amplo.

Há uma crise no agro? Não, longe de crise. Temos um momento difícil, um momento em que tivemos mudanças climáticas, intempéries climáticas e preços dos commodities achatados, mas é longe de crise. O setor, ao contrário, teve 3 ou 4 anos muito bons, que permitiu inclusive formar uma gordura. E agora temos um momento difícil, de atenção.

isso pode afetar politicamente a visão do setor em relação ao presidente Lula? E o que está essa relação após um ano de governo? O governo não é culpado pela intemperie climática ou pelos preços, que são dos mercados. Acho que até passa a ser uma oportunidade em que os produtores percebem que não estão sendo tratados, que o governo se preocupa com essa atividade econômica, mesmo não tendo uma crise, mas um momento que parece ser um pouco mais difícil, o governo está atento.

É fato que nós iniciamos o ano com uma situação que me muito hostil por parte do agro. Quem compreendeu que as eleições acabaram encontrou um ambiente muito favorável. Foi o maior Plano Safra da história. Além disso, o presidente começa a viajar pelo mundo, o que abre as relações diplomáticas, e 87 nos mercados foram abertos

Será preciso aumentar a verba para seguro rural neste ano? O seguro rural tem tido um orçamento na faixa de R\$ 1 bilhão por ano. É necessária, durante a mudança climática, a ampliação, porque a

“Temos um momento difícil, um momento em que tivemos mudanças climáticas, intempéries climáticas e preços dos commodities achatados, mas é longe de crise

O governo não é culpado pela intemperie climática ou pelos preços, que são dos mercados. Acho que até passa a ser uma oportunidade em que os produtores percebem que o governo está atento, que o governo se preocupa com essa atividade econômica

O Brasil não precisa mais de desmatamento para continuar crescendo. Nós também precisamos respeitar o nosso código florestal. Nós podemos falar, sim, de desmatamento zero. Primeiro, combatendo o ilegal. E segundo, com a remuneração para aqueles que têm o direito de usar parte da sua propriedade, mas que abririam mão disso desde que fossem remunerados.

Claro que gostaríamos de ampliar as nossas relações com a UE, e certamente o agro seria um setor beneficiado. Mas, se não dá oportunidade de fazer negócio aqui, vamos fazer mais negócio acolá

Eu votei como senador [pela derrubada do veto no projeto do marco temporal; naquela semana, ele havia se licenciado do ministério]. Isso foi comunicado ao presidente Lula, porque entendo que esse assunto já está superado, muito próximo de um desfecho tão aguardado por ambos os lados

O S. r. falou da abertura de mercados. Como está o acordo Mercosul-União Europeia? Houve muita dedicação, mas não chegamos a um termo, a formalização da ratificação do acordo, porque depois foram colocados condicionantes impossíveis e que não são do interesse dos dois lados. Claro que gostaríamos de ampliar as nossas relações com a UE, e certamente o agro seria um setor beneficiado. Mas, se não dá oportunidade de fazer negócio aqui, vamos fazer mais negócio ali. O presidente Lula está focando muito de mais no comércio econômico e nas parcerias dos Brics, do Sul Global [países em desenvolvimento] com o Oriente Médio, Ásia, África.

O senhor foi convidado para ir ao Agrishow [em 2023, ele disse ter se sentido "desconvidado" após ser informado de que Bolsonaro participaria do evento]? Eu já tinha feito compromisso desde o ano passado de que estaria presente na feira, levando novidades, trabalhando em parceria com os produtores, e essa é uma dinâmica que vai acontecer muito neste ano.

O presidente Lula vai? Durante o governo Lula 1 e Lula 2, ele foi diversas vezes. No ano passado, o presidente Lula também foi a uma importante feira de negócios do agro, na Bahia, foi muito bem recebido, muito provavelmente ele vai visitar uma das grandes feiras neste ano. O momento de hostilidade está minimizado, nada resiste ao trabalho sério, competente e ao diálogo.

Para a Agrishow ele [Lula] ainda não está confirmado? Ele, em determinado momento, me disse que tinha vontade de ir, mas depois não voltamos a falar mais, mas vamos dialogar, temos ainda uns três meses pela frente para ter a feira.

A bancada do agro teve uma série de embates com o governo em 2023. Qual o cenário que o sr. enxerga para este ano? Cada vez melhor, de diálogo, de entendimento. O que a FPA [Frente Parlamentar da Agropecuária] quer, e deve ser assim, é uma frente em defesa da agropecuária brasileira. Daí para a frente, questões ideológicas e partidárias têm que ser transferidas para os partidos.

O Congresso analisa um projeto sobre crédito de carbono. O agro acabou ficando de fora do mercado regulado, apesar de ser um dos principais emissores de gases de efeito estufa. Posso lhe dizer, é o único setor da economia que tem a capacidade de sequestrar carbono, porque é o único que faz fotossíntese. Então houve entendimento com o Congresso de que era prematuro colocar o agro. O agro não está com medo de participar do mercado de carbono, até porque ele é o que tem o grande ativo. Agora só quer que ele participe de uma forma a valorizar aquilo que ele faz de bom para o meio ambiente.

O sr. votou pela derrubada do veto no projeto do marco temporal. O Planalto foi avisado disso? Gerou desgaste? Eu votei como senador [naque-la semana, ele havia se licenciado do ministério]. Isso foi comunicado ao presidente Lula, porque entendo que esse assunto já está superado, muito próximo de um desfecho tão aguardado por ambos os lados.

É óbvio que a solução deve ser harmoniosa, e assim eu entendo que o foi, porque, quando a Suprema Corte diz que é possível demarcar áreas, mesmo depois da Constituição de 1988, há um interesse público no bem-estar de indígenas. Mas criou outras condicionantes, como permuta da área e o reconhecimento de que não pode ser em detrimento de um direito já adquirido de produtores.